



### **“O reflexo da crise mundial nos Estados da Região Sul do Brasil”**

O economista Hoyêdo Nunes Lins, professor de Economia da UFSC, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e da Academia Catarinense de Filosofia, entre os destaques da palestra, ressaltou que seu Estado não ficou ao largo dos problemas gerados pela crise, entre outras coisas, pelo fato de sua estrutura produtiva exibir atividades com importante desempenho exportador. Assim, segundo o economista, em dezembro de 2008 ocorreu perda (comparativamente a novembro) de milhares de empregos formais, a metade deles na indústria de transformação. “Nos primeiros meses de 2009 houve geração líquida de empregos, mas na comparação com 2008 o quadro mostrou-se negativo”. Ele afirmou que os reflexos da crise apresentam nuances entre setores e regiões catarinenses. Estas se comportaram maneira diferente. A diversidade transparece na observação de alguns movimentos registrados nos principais setores em operação no estado: o complexo eletrometalmecânico, que implica principalmente o nordeste catarinense (Joinville, Jaraguá do Sul), a agroindústria de suínos e aves, instalada no oeste e no meio-oeste (Chapecó, Concórdia), as indústrias têxteis e do vestuário, com presença majoritária no Vale do Itajaí (Blumenau, Brusque), a produção moveleira, desdobrada, sobretudo entre São Bento do Sul e Rio Negrinho, ao norte.

O economista Gilmar Mendes Lourenço, pesquisador do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) e professor da UNIFAE/PR, apontou que no caso específico do Paraná, depois de desfrutar de nove trimestres consecutivos de expansão, mesmo que com substancial diminuição de ímpeto entre o 3º e o 4º de 2008, a produção industrial decresceu 5,9% no 1º semestre de 2009 (-0,9% no 1º trimestre e -10,5% no 2º). Também alertou que o mais grave da crise é que ela serviu apenas para desnudar algumas restrições crônicas ao funcionamento da economia do Paraná, atestadas pelo frágil encaixe na etapa ascendente do ambiente de negócios externo e interno verificado entre 2004 e a 1ª metade de 2008. “Tanto é assim que a participação do estado na geração do PIB e das exportações brasileiras recuou de 6,4% e 9,8%, respectivamente, em 2003, para 5,8% e 7,7% em 2008”. Gilmar enfatiza que tal desempenho enfeixa a recusa de embarque no “trem do crescimento”, fruto do descaso com o aprofundamento de distorções estruturais à operação das cadeias produtivas sediadas no território estadual e à atração de novos projetos, sintetizado na tímida presença e participação política na órbita federal e na deterioração do aparato infra-estrutural.

A economista Angélica Massuquetti, professora e coordenadora do curso de Ciências Econômicas da UNISINOS e do Curso de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da mesma Universidade, abordou a forte queda das exportações e da

produção industrial. Ela alertou que o setor mais afetado pela crise no país e no estado é o industrial. “De acordo com o Índice Trimestral de Atividade Produtiva (ITAP), calculado pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), houve uma queda de 21% na atividade industrial no 1º trimestre de 2009 em relação ao mesmo período do ano anterior”. A professora Angélica destaca que como o Rio Grande do Sul é um estado mais dependente das exportações do que a média dos demais estados brasileiros e o setor externo tem sido o mais afetado pela crise, “deveremos ter um desempenho econômico inferior à média brasileira em 2009”. Ela enfatiza, no entanto, que a agropecuária e os serviços apresentam uma queda bem menos significativa.

### **“O agronegócio como alternativa para solucionar a crise econômica”.**

As oportunidades e os desafios do agronegócio brasileiro foi o tema destacado pelo economista Luiz Antonio Fayet, consultor da Confederação Nacional Pecuária e Agrícola (CNA) e professor da UFPR. O economista paranaense relatou, com a ajuda de gráficos, a representatividade do agronegócio na economia do Brasil. Mencionou o paradoxo que existe no setor rural do país que conta com uma natureza favorável, com vanguarda tecnológica mundial, competindo com preços internacionais elevados, mas padece com a insolvência dos produtores. O Brasil, segundo o painelistas, tem pontos favoráveis contra a crise, como o equilíbrio energético, a auto-suficiência alimentar, ser exportador de comida e produtos florestais, energia automotiva e minerais estratégicos. Entre as mudanças apontadas pelo professor para enfrentar a crise está a eliminação do apagação portuário, que é o ponto mais perverso para acabar com a chance de crescimento futuro, e uso múltiplo dos rios navegáveis. “O setor do agronegócio está condenado a não mais crescer por falta de terminais portuários, está eliminando a chance de mudar o futuro, ressalta Fayet”.

Economista Celso Leonardo Weydmann, professor de Economia da UFSC e Assessor Técnico da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina, apresentou o comportamento das exportações do agronegócio em termos de preço, quantidade e valor de dez *commodities* agrícolas nos meses em que preços e quantidades exportados apresentaram firme tendência de queda a partir de 2008, em comparação com os meses fora da crise no período 2004 até maio de 2009. Entre os principais resultados destacados por Celso estão: a variação negativa dos preços na crise foi significativa para oito das dez *commodities* analisadas; os preços médios medidos em três diferentes indicadores, US\$, R\$ nominais e R\$ constantes, foram maiores na crise em, respectivamente, 15%, 24% e 9% do que fora da crise, refletindo a tendência altista no mercado iniciada em 2004. O economista ressalta, portanto, que a crise não afetou a maioria dos setores analisados do agronegócio exportador, e que a queda dos

preços das *commodities* foi em grande parte compensada pelo patamar elevado dos mesmos antes da crise.

O economista Heron Sergio Moreira Begnis, professor da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul/RS), especialista em comercialização agrícola e desenvolvimento rural, economia regional e agronegócios, e estratégias e relacionamentos interorganizacionais, abordou a crise financeira mundial e o agronegócio brasileiro. Ele considerou que em decorrência da crise financeira mundial, da recessão que dela resultou e das expectativas sobre o desempenho da economia mundial, o preço das principais *commodities* despencou após agosto de 2008. No Brasil, o efeito da crise também logo foi observado, uma vez que o País se integra mais efetivamente aos mercados mundiais, apesar de sua participação no comércio mundial historicamente pouco ultrapassar 1%.". O painelista alerta que, embora não se possa afirmar que a crise financeira tenha passado ao largo do campo, seus efeitos foram menos severos do que os observados em outros setores. "Isso se deve em grande parte em razão da representatividade do mercado interno para os produtos do agronegócio, mas também porque as exportações brasileiras de produtos de origem agrícola (em especial do complexo soja, sucoalcoeiro e de carnes) mudaram seus mercados de destino". Heron observa que a retomada do crescimento do PIB mundial reflete-se em maior consumo de alimentos, estimulando o setor. O economista espera que "passado o rigor do inverno (a crise), o campo volta a florescer".